



A CTAS DA VI
REUNIÃO
INTERNACIONAL
DE CAMONISTAS

Seabra Pereira
Manuel Ferro
Coordenação

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2012

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

José Augusto Cardoso Bernardes

Universidade de Coimbra

O “NUNCA OUVIDO CANTO” DE CAMÕES E AS ESTÂNCIAS FINAIS D’ *OS LUSÍADAS*

Objecto de leituras predominantemente parcelares, *Os Lusíadas* têm sido entendidos ao longo dos tempos como um mosaico de episódios de matizes muito diferentes quando não contraditórios entre si. O próprio jogo enunciativo que suporta a diegese do poema favorece a secção da matéria narrada quer de acordo com os diferentes níveis em que se estratifica (viagem à Índia, intriga mitológica e história de Portugal), quer segundo as coordenadas temático-estilísticas que a balizam: episódios trágicos e líricos como o de Inês de Castro ou o do Adamastor, épico-cavaleirescos como o dos Doze de Inglaterra, hagiográficos como o de S. Tomé, cómico-picarescos como o de Fernão Veloso ou mesmo anti-épicos como o do Velho do Restelo parecem coexistir mais num plano de diversidade e de complementaridade do que num registo de coerência orgânica.

Esta tendência parcelarizante pode naturalmente ser contrabalançada com leituras co-textualizantes dos fragmentos estudados. Mesmo assim, porém, há estâncias que, porque não integram episódios demarcados, têm andado praticamente esquecidas, se exceptuarmos o trabalho de anotação desenvolvido, de forma mais ou menos criteriosa, desde Faria e Sousa até aos nossos dias.

E nem mesmo a circunstância de algumas dessas estâncias se situarem em pontos estratégicos tem obviado a esta situação de menor cuidado. É o que sucede concretamente com as que encerram o poema. Porque já não integram o episódio da ilha dos Amores e também porque se situam num nível exterior à acção épica, as treze estâncias terminais (e em particular as últimas onze) são tidas muitas vezes como mais um excuro exortativo do poeta ao jovem rei, que as circunstâncias históricas, aliás, parecem explicar de forma imediata. E pouco mais se tem aduzido a respeito desses derradeiros acordes do canto camoniano, como se o sentido do poema (o sentido global da acção épica, entenda-se) pudesse passar sem elas.

Através da análise integrada destas estâncias pretendo agora examinar a conjugação de planos que nelas se reflecte. De facto, e embora o apelo ao rei não possa ser totalmente desligado do contexto cívico e político, as coordenadas estéticas em que ele se insere projectam-no muito para além da conjuntura, inserindo-o de pleno direito na complexa construção dos valores de um heroísmo que é português e universal, é quinhentista e de todos os tempos.